



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br



SÉRGIO DE PAULA RAMOS/DIVULGAÇÃO/JC

Um prodígio em exposição

O beija-flor do gênero colibri bate as asas de 50 a 80 vezes por segundo, é a única ave que pode pairar no ar e voar para todos os lados, inclusive para trás. Seu coração chega a bater 1.000 vezes por minuto e em repouso entre 500 e 600. Para isso, precisa de enorme quantidade de energia e abastece enquanto voa. Não admira que seja tão fotografado. Faz parte de exposição de fotos com temas diversos reunidas por nove integrantes da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina na mostra “Médicos Fotografam”. Inaugura no dia 2 de setembro na Casa da Memória Unimed Federação RS, rua Santa Terezinha, 263, em Porto Alegre.

Para acabar com o tráfico

Todos os candidatos estão cheios de fórmulas para combater os traficantes e devolver a paz aos territórios ocupados por eles. Estão sonhando. Para acabar com o tráfico precisa antes acabar com o exército de cheiradores de cocaína e consumidores de outras drogas. O que é sonhar de olhos abertos.

Foi mal

O candidato Renan Santos (Missão) caiu bem direitinho no conto da bomba atômica armado pela Globo. Os apresentadores resgataram uma declaração dele sobre o Brasil ser uma potência nuclear, espicharam o assunto e ele embarcou. Minutos preciosos perdidos em um delírio nuclear.

É outra a bomba

Essa sim está destruindo o Brasil e sufocando o comércio, deixando na esteira uma sucessão de falências e recuperações extrajudiciais – a última é o Habib's. É uma bomba de 88 milhões de brasileiros na inadimplência ou prestes a se tornarem inadimplentes. É curioso que na década de 1970 o governo dizia “poupe” e hoje diz “gaste”.

De tirar o chapéu

Já se passou muito tempo desde o último boletim médico dando conta que o presidente Lula se submeteria a 18 sessões preventivas de radioterapia. Desde o tombo no banheiro ele passou a usar chapéu e até hoje continua usando esse adereço capilar.

O que eles disseram

“A reforma tributária vai muito além do departamento fiscal. A nova estrutura tributária terá efeitos sobre formação de preços, margens, contratos, cadeia de fornecedores, aproveitamento de créditos, capital de giro e fluxo de caixa. Em algumas empresas, poderá inclusive alterar decisões sobre onde produzir, de quem comprar e como estruturar determinadas operações”. (Rubens Tavares, CEO da BMS Consultoria Tributária).

Parabéns pra você

O MMT Advogados, referência jurídica em Santa Maria, comemora seu aniversário de prata celebrando uma trajetória marcada pela solidez e pela confiança.



HISTORINHA DE SEXTA

Tempos de Cabeleira

De vez em quando alguém mais curioso me pergunta se, antigamente, os políticos eram melhores que os de hoje. Cada tempo com suas particularidades e a moralidade, sem dúvida, tinha regras não escritas bem mais rígidas. Digamos que os escândalos protagonizados por políticos fossem em número bem menor, mas segredos mais obscuros eram mais difíceis de virem à lume porque a imprensa era outra.

Mas as paixões eram bem mais intensas do que hoje. No mínimo, empatavam. Também naquele tempo era direita-esquerda. Partidos eram um pouco mais sérios. Vivo mesmo foi Getúlio Vargas, que criou um partido de esquerda – o PTB – e outro de direita, o PSD. Havia um que, a rigor, poderia ser o Centrão de hoje: a União Democrática Nacional – UDN. Influente pra caramba – mas nunca venceu uma eleição para presidente.

Anos mais tarde, Leonel Brizola chamou o PT de “UDN de macacão”, menção ao passado sindicalista de Lula. As promessas de campanha eram centradas no que o candidato podia fazer. Depois veio a monotonia do trinômio “saúde, segurança, educação”. Promessas de botar corruptos na cadeia eram bem menos frequentes.

O que havia muito nos velhos tempos, digamos anos 1950 como marco balizador, era alguém bem posto na vida se olhar no espelho e perguntar “o que posso fazer para ajudar meu povo?” Aí partia para entrar na política.

Os instrumentos das eleições eram toscos, menos os santinhos. Santinho nunca vai desaparecer. Só que eram dos mais variados formatos e cores. O curioso é que, do final dos anos 1950 até o início dos 1960, não existiam cédulas de votação. O próprio santinho – às vezes santão de tão grande – era introduzido na urna.

Daí que todos os candidatos abarrotavam o entorno das zonas eleitorais com eles. Abertas as urnas, a contagem dos votos era por eles. Tamanho era documento. Eleitores guardavam com zelo os santinhos & santões do candidato preferido. Mas se o candidato fosse odiado, os eleitores guardavam dúzias deles para outro fim: o destino era a “casinha”.

Até meados dos anos 1980, a Justiça Eleitoral baixava uma regra que hoje pareceria ridícula: proibição de venda e consumo de bebida alcoólica 24 horas antes e 24 horas depois da eleição. Era o inferno para os borrachos. A lei era fiscalizada especialmente em cidades do interior, onde paixões, não raro, acabavam em violência e até mortes. Cartazes afixados em toda a cidade ameaçavam infratores com prisão.

Houve um caso em Montenegro, por mim testemunhado. Um biscoiteiro de apelido Cabeleira irritava tanto o juiz, que o tradicional aviso teve acréscimo: proibir a venda de bebida “especialmente para o indivíduo de alcunha Cabeleira”.

No dia da eleição, o magistrado abriu os trabalhos e por volta das 10 horas foi tomar cafezinho no Bar Central. E quem ele encontrou, já vindo? O Cabeleira, que zanzava entre as mesas, perdendo o prumo para a lei da gravidade. Surpreso, o juiz espetou o dedo na cara do borracho:

– Cabeleira, quem foi que te vendeu bebida?

Já adernado em um ângulo de 30 graus, Cabeleira devolveu o dedo na cara.

– Meu doutor, pra mim já arrumei. Se o senhor quiser beber, se vira!

Em Porto Alegre, a contagem dos votos ocorria nos Armazéns do Porto. Fui contador de votos duas vezes, a primeira em 1967 ou 1968. Era um trabalho de doido passar três dias fazendo a mesma tarefa. Separado por um balcão de madeira, fiscais de partidos zelavam para que não houvesse enganos na contagem. Hoje, com as urnas eletrônicas, essa tortura terminou. Mas na época doeu pra caramba. Sem falar que a comida era ruim.